

# Antologia de Toria



Apresentado por

*Meu Lado Poético* 

## resumo

Todas as desculpas do mundo

È normal ver a vida em tons de cinza?

quantas lembranças ainda caminham descalças dentro de você?

Caco por caco

Talvez eu seja um pouco louca, mas dentro dos limites aceitáveis

E se o tempo só tivesse ensinado as borboletas a voar mais baixo?

A casa onde tu ainda mora

Um mapa de tudo aquilo que você deixou em mim

Um fragmento chamado B.

Vestígios de ti

Ah, Destino, Seu Velho Tirano !

Dois segundos

O fantasma do teu nome

Aqui Jaz o Amor

Num Instante, Você !

O amor precisa doer?

Diário de bordo de uma mente intergaláctica

## Todas as desculpas do mundo

Se eu fosse morrer hoje, eu te ligaria.

Não porque eu só quisesse falar com você agora.

A verdade é que eu sempre quero.

Mas, pela primeira vez, eu teria uma desculpa decente para isso.

Eu odeio precisar de uma desculpa para falar com você, mas a vida quase nunca é do jeito que a gente quer. Às vezes, a gente precisa fingir que existe um motivo importante, uma razão urgente, quando a verdade é muito mais simples: eu só queria ouvir sua voz.

É estranho como alguém pode se tornar um pensamento constante e, ainda assim, parecer tão distante. Como eu posso ter tantas coisas para te dizer e, ao mesmo tempo, sentir que nenhuma delas é motivo suficiente para apertar o botão de ligar.

Talvez seja orgulho. Talvez seja medo. Talvez seja só a consciência de que algumas pessoas deixam de ser presença e viram saudade antes mesmo de irem embora.

Mas se eu fosse morrer hoje, por alguns minutos eu não teria medo de parecer inconveniente, carente ou insistente. Eu simplesmente ligaria.

E no instante em que você atendesse, eu perceberia que nunca precisei de uma grande razão. Porque a verdade é que todas as desculpas do mundo sempre tentaram esconder a mesma coisa: eu só sentia sua falta.

## **È normal ver a vida em tons de cinza?**

Talvez exista um momento em que o céu deixa de ser céu e vira apenas um espaço vazio acima da cabeça. As músicas continuam tocando, as pessoas continuam rindo, os dias continuam chegando, mas tudo parece distante, como se a vida estivesse acontecendo atrás de um vidro embaçado.

É estranho perceber quando as cores começam a desaparecer devagar. Não de uma vez, não como uma tempestade, mas como fotografias antigas esquecidas dentro de uma gaveta. O azul já não emociona, o amarelo já não aquece, e até o pôr do sol parece cansado de tentar ser bonito para alguém.

Tem dias em que o peito vira um corredor longo demais, frio demais, quieto demais. E a gente anda por dentro de si procurando alguma luz acesa, alguma lembrança capaz de aquecer os dedos. Mas encontra apenas ecos, poeira e uma saudade que nem sabe exatamente do quê.

E no fim da noite, tudo continua exatamente igual. O teto ainda encarando os olhos cansados, o relógio arrastando os minutos como se o tempo também estivesse exausto. Há algo profundamente triste em perceber que até a dor perde a intensidade depois de um tempo, ela apenas permanece ali, imóvel, fria, ocupando espaço dentro do peito como um inverno que nunca termina.

## **quantas lembranças ainda caminham descalças dentro de você?**

Há uma solidão que só conhece  
quem carrega no peito  
um coração feito de excessos.  
São terrivelmente sós  
os que amam demais,  
os que guardam palavras na garganta,  
os que transformam a própria dor em poesia.  
Há dias em que a alma  
se torna uma casa silenciosa,  
onde cada lembrança  
anda descalça pelos cômodos  
e faz barulho demais.  
E eu, que já morri tantas vezes  
sem nunca deixar de respirar,  
aprendi que algumas dores  
não querem cura  
querem apenas tempo.  
Tempo para que a ferida  
deixe de ser ferida,  
para que a saudade aprenda a caber no peito,  
e para que a gente consiga chamar de cicatriz  
aquilo que um dia  
parecia impossível sobreviver.

## Caco por caco

Novamente em pedaços.  
Mais uma vez,  
me vejo juntando o que restou de mim,  
catando caco por caco  
como quem procura, entre os destroços,  
alguma parte que ainda reconheça.  
Tem sempre alguma coisa faltando.  
Um pedaço que se perdeu pelo caminho,  
uma parte de mim  
que já não sei onde procurar.  
E, vez ou outra,  
me pego pensando:  
será que um dia  
eu vou aprender a não deixar  
que me quebrem tão facilmente?  
Ou será que vou continuar  
me reconstruindo em silêncio,  
remendando as partes que consigo,  
enquanto, sem perceber,  
vou deixando algumas de mim  
pelo caminho?  
Talvez esse seja o meu maior medo:  
me reconstruir tantas vezes  
que, no fim,  
eu já não saiba  
qual dessas versões  
ainda sou eu.

## **Talvez eu seja um pouco louca, mas dentro dos limites aceitáveis**

Sou poeta  
quase louco,  
talvez só um pouco,  
vivendo de fantasias,  
inventando poesias  
pra suportar os meus dias.  
Faço morada no impossível,  
me apaixono pelo invisível,  
e, quando a realidade vem,  
eu fujo pra dentro de mim  
onde tudo ainda faz sentido.  
Sou desses que sentem demais,  
que procuram sinais  
onde ninguém mais procura,  
e fazem da própria loucura  
um jeito diferente de existir.

## **E se o tempo só tivesse ensinado as borboletas a voar mais baixo?**

Eu achei que tinha superado as borboletas no estômago.

Achei que elas, cansadas de bater asas, tinham finalmente encontrado um caminho para longe de mim.

Talvez tivessem migrado pra algum lugar onde o teu nome não fosse primavera.

Mas bastou eu te ver e o meu coração, que eu julgava acostumado ao inverno, esqueceu como se fica quieto.

E as borboletas voltaram não sei se pelo caminho de sempre ou se, no fundo, nunca chegaram a partir.

## A casa onde tu ainda mora

É irritante teu nome ecoando nos corredores da minha mente,  
lembranças tuas passeando pelos cantos dos meus pensamentos,  
teu rosto surgindo entre uma coisa e outra,  
sem que eu tenha te chamado.  
Teu rastro ficou pela casa inteira,  
um pouco na sala,  
um pouco nos quartos,  
um pouco atrás das portas que eu quase nunca abro.  
Às vezes te encontro no corredor,  
outras vezes sentada na janela,  
quieta em algum canto da memória,  
ocupando espaços que eu nem lembrava ter.  
E por mais que eu feche as portas,  
apague as luzes,  
mude os móveis de lugar,  
ainda tropeço em ti pela casa.

## **Um mapa de tudo aquilo que você deixou em mim**

Tem pedaços meus que já não considero tão meus assim. Porque, de algum jeito, todos pertencem a você.

Cada mínimo detalhe de mim carrega um pouco daquilo que você despertou, como se tivesse passado por mim devagar, deixando em cada parte um vestígio seu.

E agora, quando eu me procuro em mim mesma, encontro você espalhada por lugares que eu nem sabia que existiam. Como uma brecha na memória que insiste em me fazer lembrar, quando, na verdade, tudo o que eu quero é esquecer.

## Um fragmento chamado B.

Há qualquer coisa em ti  
que me desarma sem sequer tocar-me.  
Talvez seja esse pequeno desenho  
que repousa sobre tua pele,  
esse fragmento de céu  
que parece ter esquecido de voltar para casa.  
Eu o imagino quieto sob tua roupa,  
enquanto tua voz atravessa a distância  
e deixa alguma coisa minha  
fora do lugar.  
É estranho.  
Tu falas  
e, de repente, o quarto parece maior,  
como se as paredes recuassem  
só para que eu pudesse sentir um pouco mais de perto  
aquilo que não posso tocar.  
Teus cabelos nunca permanecem iguais  
na minha memória.  
O vento os inventa de novo  
cada vez que penso em ti.  
Há tardes que chegam diferentes.  
O café esfria sobre a mesa,  
a luz demora nos móveis,  
e eu fico olhando para o nada,  
como quem espera  
que o nada me devolva alguma coisa.  
O dia parece guardar  
uma pequena parte tua.  
Porque, às vezes,  
quando tudo escurece  
e eu me lembro daquele desenho sobre tua pele,  
penso que já não preciso  
ter tanto medo do escuro.

Afinal,  
há um sol em algum lugar de ti.

## Vestígios de ti

Sinto tua falta,  
e isto jamais há de chegar aos teus ouvidos.  
Guardo-te onde se guardam as coisas  
que não se confessam,  
entre páginas,  
à margem de uma carta  
que talvez tu nunca lerás.  
Não ousa escrever teu nome.  
Ainda assim,  
ele floresce em cada entrelinha.

## Ah, Destino, Seu Velho Tirano !

Há amores que não sabem morrer.  
Podem ser sepultados sob juramentos,  
trancados em gavetas,  
entregues ao esquecimento  
como cartas que jamais deveriam  
tornar a ser lidas.  
Ainda assim, regressam.  
Não há porta que os detenha,  
nem distância suficientemente longa,  
nem orgulho que permaneça de pé  
diante daquilo que o coração  
se recusa a dar por morto.  
O nosso nunca foi desses amores  
que os romances costumam enfeitar.  
Não houve jardins em flor,  
nem promessas ditas sob a lua,  
nem finais dignos de moldura.  
Houve tempestades.  
Portas cerradas com demasiada força,  
palavras ditas como lâminas,  
mãos que se procuraram  
quando já deveriam ter aprendido  
a permanecer distantes.  
Houve partidas.  
E, depois delas,  
aquele estranho silêncio  
de uma casa abandonada.  
Mas o destino, esse velho tirano,  
jamais pareceu consentir  
com a nossa separação.  
Bastava o tempo passar,  
bastava a névoa descer sobre os jardins,  
bastava alguma velha canção

soar ao longe na noite,  
e alguma coisa começava a chamá-lo.  
Não sei de onde vinha.  
Talvez das ruas molhadas,  
talvez dos corredores escuros,  
talvez daquela parte do meu coração  
que jamais aprendeu a trancar a porta.  
E então ele retornava.  
Não como quem regressa,  
mas como quem fora apenas  
temporariamente afastado  
por uma força que nunca teve  
autoridade suficiente para vencê-lo.  
Sempre o mesmo.  
Sempre diferente.  
Trazendo nos olhos  
a insolência dos velhos fantasmas  
e nos lábios  
a promessa de um incêndio  
que jurávamos ter apagado.  
Eu poderia fugir.  
Poderia mudar de cidade,  
de hábitos, de nome,  
encher os aposentos de novas vozes,  
queimar retratos,  
rasgar cartas,  
jurar diante de Deus  
que jamais tornaria a pronunciar o seu nome.  
Seria inútil.  
Pois certas paixões não obedecem  
à vontade dos vivos.  
Elas permanecem.  
Como o nevoeiro sobre os cemitérios,  
como a hera sobre os muros antigos,  
como o perfume de uma flor  
que já morreu há muito tempo

e, ainda assim, permanece nas cortinas.

Aguardam.

E quando o mundo, por alguma crueldade,  
repete uma antiga combinação de estrelas,  
quando a mesma chuva bate  
contra a mesma janela,  
quando a noite veste outra vez  
o seu negro traje de outrora,  
ele retorna.

Não porque o chamamos.

Não porque o desejamos.

Mas porque há encontros  
que parecem ter sido escritos  
antes mesmo que os amantes  
tivessem nascido.

E talvez seja essa a verdadeira crueldade  
de certas paixões:

há histórias que recebem um ponto final  
apenas para que o destino,  
em sua mórbida insistência,  
lhes devolva uma vírgula.

Podemos separar as mãos.

Podemos abandonar a casa.

Podemos fechar para sempre  
a última porta.

Mas o destino conserva chaves  
que nenhum de nós possui.

E assim, depois de todo adeus,  
quando já não resta esperança  
nem motivo para esperar,  
ouvem-se passos no corredor.

Lentos.

Conhecidos.

Inevitáveis.

E o coração, traidor e antigo,  
reconhece antes dos olhos

aquilo que a razão levou meses  
para tentar esquecer.  
Então não abro a porta.  
Não é preciso.  
Porque sei que, cedo ou tarde,  
ela se abrirá sozinha.  
Há amores que não encontram  
o caminho de volta.  
Há amores que são o caminho de volta.

## Dois segundos

Há dias em que a alma, cansada dos ruídos do mundo, recolhe-se em silêncio e já não deseja conversa alguma, tão pouco o labor de existir.

Há dias em que até os pequenos deveres se tornam pesados, e tudo o que se deseja é afastar-se, por um breve instante, da presença de todas as coisas.

Dois segundos.

Dois brevíssimos segundos em que o mundo pudesse cessar seus clamores; em que as dores se calassem, as melancolias perdessem o peso e as feridas do peito encontrassem algum repouso.

Um pequeno intervalo de tudo.

Dois segundos de silêncio.

Dois segundos de paz.

Dois segundos em que o coração pudesse descansar das próprias lembranças.

E então, quando o mundo voltasse a bater à porta, reunir os fragmentos de si, recompor o semblante e retornar à vida, como quem regressa de um longo inverno.

## O fantasma do teu nome

Hoje eu queria não lembrar de ti.  
Queria que a noite fechasse suas cortinas  
e levasse consigo teu nome,  
que nenhuma estrela ousasse pronunciá-lo  
sobre o meu leito.  
Queria voltar à mulher que fui  
antes que tua existência  
se tornasse uma assombração tão íntima,  
antes que teu rosto aprendesse  
o caminho de volta aos meus pensamentos.  
Há noites em que a saudade  
não parece saudade.  
Parece um fantasma.  
Senta-se ao pé da minha cama,  
passa os dedos pelos meus cabelos  
e sussurra teu nome  
até que eu já não saiba  
se estou lembrando de ti  
ou sendo atormentada por ti.  
E eu, pobre criatura,  
ainda lhe abro a porta.  
Hoje, porém, eu queria ser cruel.  
Queria arrancar de mim  
cada lembrança tua,  
como quem arranca rosas mortas  
de um jardim condenado.  
Queria desconhecer tua voz,  
teu perfume,  
o desenho do teu rosto,  
a delicada ruína que deixaste  
onde antes havia somente paz.  
Queria meu antigo coração.  
Aquele que não sabia teu nome.

Aquele que dormia sem procurar por ti  
nos sonhos.

Aquele que não conhecia  
essa espécie de ausência  
que parece ocupar mais espaço  
do que qualquer presença.

Porque há um limite  
para aquilo que uma alma suporta.

E eu o sinto se aproximar.

A saudade me atravessa  
como um inverno sem fim,

e tenho medo de que,  
se continuar assim,

ela há de me encontrar  
já sem forças para fugir.

Hoje eu não queria amar-te.

Hoje eu queria esquecer-te  
com a mesma facilidade

com que a noite apaga  
a última luz de uma casa.

Mas teu nome permanece.

E eu permaneço também,  
velando por uma lembrança  
que já não sei se quero guardar  
ou enterrar.

Esta é a mais cruel  
das formas de saudade:  
não desejar que alguém volte,  
mas desejar, desesperadamente,  
ter sido alguém  
que jamais a conheceu.

## Aqui Jaz o Amor

Eu matei o que sentia por você.  
Dessa vez,  
não sobrou chama,  
nem saudade,  
nem aquela vontade miserável  
de voltar.  
Morreu.  
E há algo estranhamente triste  
em perceber que teu nome  
já não provoca nada em mim.  
Tanto amor,  
tanta febre,  
tanta coisa que um dia  
pareceu impossível de apagar.  
E agora,  
quando penso em você,  
é apenas isso:  
nada !

## Num Instante, Você !

A saudade que sinto de você me encontra desprevenida no meio do dia.

Estou lavando as louças, presa a alguma tarefa banal, quando, de repente, minha memória decide me trair.

E eu ouço o eco da tua voz, o som da tua risada, e vejo, em pequenos lampejos, o desenho do teu rosto.

E pronto. E o bastante para perder o resto do dia pensando em você.

Imagino como seria te ver outra vez, como seria bom ouvir tua voz sem que ela viesse apenas como uma lembrança atravessando minha cabeça.

Penso, sobretudo, em como queria ter coragem para te mandar uma mensagem.

Mas permaneço aqui, com tantas palavras guardadas e o telefone quieto entre as mãos, como quem sabe exatamente o que deseja e, ainda assim, não encontra coragem para dizer.

Então deixo a noite chegar com teu nome ainda na tela e a mensagem ainda por escrever.

E durmo com a mesma saudade com que acordei sem saber que sentiria tua falta outra vez.

## O amor precisa doer?

Ela era Sol,  
eu, Lua.  
Ela, uma tempestade,  
quase um furacão,  
e eu, pobre tola,  
tentei conter-lhe a eletricidade  
com as mãos nuas.  
Queimamo-nos:  
eu em seus raios,  
ela nos meus excessos.  
E assim, em nosso próprio eclipse,  
fomos duas criaturas  
tentando amar-se  
em meio ao próprio caos.  
Até que o amor,  
de tanto nos atravessar,  
acabou por ferir  
aquilo que ainda restava de nós.

## Diário de bordo de uma mente intergaláctica

Eu vivo sempre no mundo da lua.

E não estou falando metaforicamente. Digo isso com a propriedade de quem provavelmente já ultrapassou a atmosfera terrestre umas trezentas vezes antes do café da manhã. Minha mente não conhece endereço fixo, não paga aluguel na realidade e, quando muito, aparece de visita para conferir se o corpo ainda está por aqui.

O problema é que eu nunca sei exatamente onde estou.

Às vezes, encontro-me perdida entre os anéis de Saturno, pensando em alguma frase que ouvi há cinco anos e que, por algum motivo absolutamente inexplicável, resolveu ressuscitar às três da tarde de uma terça-feira. Em outras ocasiões, estou a milhões de anos-luz da Terra, contemplando uma conversa que nunca aconteceu, inventando diálogos, ensaiando despedidas e construindo futuros inteiros com pessoas que sequer sabem que foram escaladas para o elenco da minha imaginação.

Minha cabeça é um lugar curioso. Há música tocando em algum canto, poemas inacabados espalhados pelo chão e sentimentos sem classificação orbitando ao redor de pensamentos que não levam a lugar algum. De vez em quando, uma ideia atravessa o espaço sideral, acende todas as estrelas e me obriga a abandonar qualquer atividade minimamente útil para escrever três linhas sobre a existência humana.

É um inferno muito bonito, devo admitir.

Na minha cabeça, tudo pode virar alguma coisa. Uma palavra atravessada transforma-se em tragédia grega. Uma despedida ganha a dimensão de um eclipse. Um coração partido deixa de ser apenas um coração partido e passa a ser uma catástrofe cósmica, com direito a meteoros, crateras e uma trilha sonora cuidadosamente selecionada para aumentar o estrago.

Tenho esse péssimo hábito de transformar os desastres da minha vida em histórias sem pé nem cabeça. Recolho os destroços, misturo com algumas metáforas, acrescento uma música triste e, quando percebo, aquilo que quase me destruiu já tem título, subtítulo e potencial para render umas boas páginas.

Não me entendam mal. Não é que eu não saiba distinguir a realidade daquilo que invento. Eu sei muito bem onde termina uma e começa a outra. O problema é que, entre as duas, existe uma passagem secreta que a minha mente insiste em deixar aberta.

E eu entro.

Entro porque há coisas que não consigo explicar de outra maneira. Porque certas dores ficam menos insuportáveis quando ganham nome, ritmo e rima. Porque, às vezes, a realidade é tão absurdamente desorganizada que inventar uma narrativa parece a única forma de não enlouquecer tentando encontrar sentido em tudo.

Talvez seja por isso que eu goste tanto de música e poesia. Elas me permitem existir em lugares que não aparecem em nenhum mapa. Posso estar sentada no mesmo lugar durante horas e, ainda assim, atravessar oceanos, reviver épocas, conhecer versões de mim que nunca chegaram a existir. Basta uma melodia, uma palavra qualquer ou uma lembrança inconveniente para que a gravidade perca completamente o efeito.

E lá vou eu outra vez.

Enquanto o mundo se preocupa com horários, compromissos e boletos, eu estou ocupada

imaginando como seria a cor de uma saudade se ela pudesse ser vista do espaço. Ou pensando se as estrelas também sentem falta umas das outras quando desaparecem no horizonte. Ou criando uma conversa inteira porque alguém me olhou de determinada maneira e, aparentemente, meu cérebro decidiu que isso era material suficiente para uma novela de cento e vinte capítulos.

Não há cura conhecida para esse tipo de desatino. Pelo menos, nenhuma que eu esteja disposta a procurar.

Aprendi a aceitar que existe uma pequena astronauta vivendo dentro de mim, uma criatura distraída que se alimenta de canções, coleciona palavras e transforma qualquer acontecimento banal numa questão de proporções universais. Ela não sabe muito bem como voltar para casa, mas conhece o caminho de cor para lugares que nem sequer existem.

E, sinceramente, há dias em que prefiro a companhia dela.

A Terra tem seus encantos, claro. Mas também tem suas urgências, suas decepções e essa mania inconveniente de exigir que a gente saiba exatamente o que está fazendo da vida. No meu universo particular, posso não saber de nada. Posso ser contraditória, exagerada, sentimental e completamente incapaz de explicar por que determinada canção me faz querer chorar por uma coisa que nunca aconteceu.

Posso simplesmente sentir.

E, para alguém que passa tanto tempo tentando traduzir o próprio caos, isso já é uma espécie de liberdade.

Portanto, se algum dia me encontrarem olhando para o nada, com os olhos perdidos e uma expressão de quem acabou de receber uma notícia devastadora, não se preocupem. É possível que eu esteja apenas tentando lembrar o verso de um poema. Ou imaginando uma galáxia. Ou reorganizando os escombros de alguma catástrofe emocional para transformá-los em literatura.

Ou, quem sabe, tenha ido longe demais desta vez.

Não mandem equipes de resgate. Não chamem a NASA. Não tentem calcular a distância entre mim e a realidade.

Deixem-me flutuar.

Afinal, alguém precisa cuidar das coisas que não existem.

E eu, infelizmente, tenho sido uma funcionária exemplar.